



As Guerras Assimétricas e de Quarta Geração Segundo o Pensamento Venezuelano em Assuntos de Segurança e Defesa

Mariano César Bartolomé

HÁ TRÊS ANOS, os conceitos de “guerra assimétrica” e de “guerra da quarta geração” têm sido empregados intensivamente para explicar a conduta do Presidente venezuelano Hugo Chávez em assuntos de defesa e segurança. Ambas, de acordo com seus partidários, servem para explicar a natureza da agressão que a nação caribenha enfrenta, assim como as medidas preventivo-dissuasivas que o seu Poder Executivo adota ao enfrentar essa contingência. No sentido inverso, os críticos do presidente venezuelano empregam os mesmos conceitos para depreciar sua política externa e sua tendência de militarizar a sociedade.

As ambigüidades e contradições de como os significados da *guerra assimétrica* e da *guerra de quarta geração* têm em relação à Venezuela dificultam a sua adequada compreensão. Neste contexto, o presente trabalho constitui-se em uma primeira abordagem a este tema de natureza descritiva. Sistemáticamente, queremos esclarecer que quando fazemos referência à Venezuela, estamos fazendo ao seu governo atual.

Consensos Referentes à Guerra Assimétrica e à Guerra da Quarta Geração.

O conceito de guerra assimétrica surgiu pela primeira vez em 1955 na publicação norte-americana *Joint Warfare of the Armed Forces*, em referência a rivalidades armadas nas quais se enfrentam forças desiguais como forças aéreas versus terrestres, forças aéreas versus navais, etc. Gradualmente seus objetivos se tornaram mais nítidos até seu significado atual. Atualmente, entende-se que em conflitos assimétricos a resposta de um dos protagonistas ao enfrentar seu oponente não enfatiza que se

FOTO: Policiais pretegem-se com seus escudos enquanto tentam dispersar uma manifestação de estudantes contra a reforma constitucional promovida pelo Presidente Hugo Chávez em Caracas.

AFP/Juan BARRETO

busque uma igualdade de forças, a não ser no emprego de táticas não convencionais; do ponto de vista das forças armadas essa forma de operar é percebida com uma profunda diferença do método de sua organização no desenvolvimento de seus sistemas de armas.¹

Steven Metz tratou da questão de maneira simplificada, considerando que a idéia de assimetria, quando aplicada a um conflito, se refere a algum tipo de diferença para ganhar vantagem sobre o adversário, no entanto, destaca três características gerais: normalmente tenta produzir um impacto psicológico de magnitude tal, com choque ou confusão, que afete a iniciativa, a liberdade de ação ou os desejos do oponente; requer um estudo anterior das vulnerabilidades do oponente e tende ao emprego de armas e tecnologias inovadoras e não-tradicionais.²

Com respeito às guerras de quarta geração, um trabalho pioneiro nesta matéria associou este conceito à transição da morfologia bélica registrada no século XX, identificando os grandes acontecimentos que marcaram o final e o início de três *gerações* de conflitos: como primeiro evento, o ganho do poder do fogo, associado ao desenvolvimento da arte tática, declara que o poder de *fogo massivo* substituiu o *poder humano massivo* taticamente pobre; e como segundo, ao poder de fogo se adiciona uma maior mobilidade. Seqüencialmente, cada uma das três gerações identificadas amplia o campo de batalha e a capacidade de manobra do antagonista.

Nesta forma de pensamento, os conflitos de quarta geração reconhecem como o campo de batalha o conjunto de uma sociedade, inclusive sua cultura, buscando implodi-la. Esses eventos não reconhecem limites claros entre a guerra e a paz ou entre combatentes ou não-combatentes, nem permitem identificar com precisão as frentes de batalha. São eventos assinalados por uma grande dispersão geográfica e valorizam em maior proporção do que em gerações anteriores o papel das operações psicológicas e o controle dos meios de comunicação social.³

Visões das Alternativas sobre a Venezuela e a “Questão” de “Assimetria”

Não existe consenso sobre o sentido que se deve dar a idéia de Chávez de preparar a Venezuela para lutar em uma guerra assimétrica. E, como tende a ser comum nesses casos, pode-se identificar diferentes perspectivas sobre o pensamento chavista. A esse respeito, numa lista não completa, descreveremos cinco visões dessas alternativas.

A primeira perspectiva, elaborada por Manwaring, designa à opção da assimetria venezuelana um sentido ofensivo, entendendo-a como uma ferramenta-chave para explorar as vulnerabilidades políticas e econômicas do oponente e para modificar a situação em benefício próprio. Este analista norte-americano interpreta que Chávez poderia aplicar as técnicas de combate assimétrico para fomentar a expansão do bolivarismo na região, segundo o que lhe concede o Poder Executivo da nação caribenha⁴, cujo objetivo consiste no estabelecimento de regime similar em outros países latino-americanos; estes aspectos de encorajamento abrangeriam objetivos logísticos, econômicos e de armamento.

O Dr. Mariano César Bartolomé é um perito argentino em Relações Internacionais com cursos de especialização no Centro de Estudos Hemisféricos da Defesa pela Universidade Americana no Cairo, Egito; The Brookin Institute nos EUA e o Gabinete de Estudos das Forças Armadas Estrangeiras do Exército dos Estados Unidos. O Dr. Bartolomé obteve seu Doutorado em Relações Internacionais na Universidade de Salvador e um Mestrado em Sociologia da Academia de Ciências da República Tcheca. É professor do nível superior na EDENA, a Escola Superior de Guerra e da Universidade Nacional de la Plata. Possui uma bolsa de estudos pós-doutorado em Segurança Internacional no Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (CONICET). Atualmente é parte dos especialistas na área de Segurança Internacional e avaliador no Conselho Nacional de Avaliação e Credenciamento Universitário (CONEAU). É autor de 9 livros, o último sendo La Seguridad internacional en el año 10 después de la guerra fría.

Nesta forma de pensamento, os ideais bolivarianos encontrariam solo fértil nos processos de falhas estatais que ocorrem na América Latina e que Chávez os aproveita, apoiando “movimentos de resistência” que protagonizam uma guerra popular para depor regimes vigentes percebidos como ilegítimos. Segundo Manwaring, os promotores do bolivarianismo seriam beneficiados com esses processos de falhas estatais, as quais se tornam moralmente equiparados a outras entidades malévolas que normalmente se favorecem com esse estado de coisas como atividades criminosas, terroristas e guerrilheiras.⁵

Ao contrário da primeira perspectiva, a segunda reavalia a guerra assimétrica de uma perspectiva claramente defensiva, na qual o objeto é proteger a Revolução Bolivariana contra uma agressão dos EUA, cuja superioridade em termos convencionais condena ao fracasso qualquer tentativa de oposição no plano simétrico. Assim foi afirmado pelo titular do Poder Executivo da Venezuela no *Primeiro Fórum Militar sobre a Guerra Assimétrica e Guerra de Quarta-Geração*, celebrado em Caracas em abril de 2005. Nesse evento, Chávez declarou que não estava disposto a se ajoelhar à frente dos Estados Unidos e reiterou que a participação do povo na defesa do país “é imprescindível nos moldes de uma guerra assimétrica.” Além disso, anunciou a realização de exercícios conjuntos civil-militares para a possibilidade de uma invasão estrangeira, baseados nos moldes de uma guerra assimétrica.⁶

As palavras do titular do Poder Executivo venezuelano no *Primeiro Fórum Militar* têm uma importância transcendental, pois concede um sentido definido ao objetivo estratégico nº 9, “Aprofundar e acelerar a estrutura da Nova Estratégia Militar Nacional”, identificado no documento presidencial “A Nova Etapa, o Novo Mapa Estratégico”, emitido apenas quatro meses antes.⁷



Venezuela tem celebrado vários acordos comerciais e de auxílio com o Irã, outro aliado anti-EUA, particularmente no setor de energia. O Presidente venezuelano Hugo Chávez (à direita) e seu colega iraniano Mahmoud Ahmadinejad apertam as mãos em 27 de setembro no Palácio Presidencial de Miraflores em Caracas.

AFP / Juan Barreto

Esse documento reúne as conclusões de um grupo de discussão de alto nível efetuada na semana anterior, numa oportunidade em que Chávez convidou a sociedade para “não baixar suas posições” em caso de uma agressão dos EUA, a qual tenderá a aumentar com o passar do tempo.⁸ Também advertiu que as agências de inteligência norte-americanas tentariam assassiná-lo para criar um caos social que derivaria para uma operação de estabilização no país auspiciada pela Organização das Nações Unidas, mas orquestrada por Washington.⁹

Confrontado por esses cenários críticos, Chávez ordenou a elaboração de um novo pensamento militar nativo, livre da “doutrina imperialista”, que possa ser aplicado caso os EUA decidam levar adiante operações como as que executam no Iraque. Que características teriam a resposta venezuelana a esta suposta agressão? Bem, uma insurgência de guerrilha travada em todo o território nacional, desde as montanhas até as selvas.¹⁰

A guerra assimétrica que protagonizaria os venezuelanos para resistir e repelir os EUA transcende as Forças Armadas, abrangendo toda a sociedade, a qual tem a responsabilidade de contribuir com a Defesa Nacional segundo



Acusando os Estados Unidos de “impor tirania,” ele disse que a “revolução” está a caminho contra o poder global dos EUA e que a Rússia é uma peça-chave nesse processo. O Presidente venezuelano Hugo Chávez (à esquerda) dá um aperto de mãos no Presidente russo Vladimir Putin em 28 de junho de 2007 na residência em Novo-Ogaryovo num subúrbio de Moscou. Chávez mostrou-se contra os Estados Unidos desde o início de sua visita à Rússia e pediu aquele governo ajudar a liderar uma revolução mundial contra Washington.

estabelecido pela Constituição bolivariana em seu título VII — “A Segurança da Nação”. Assim Chávez justificou a criação de batalhões de reserva militares e civis, os quais ele definiu como uma “fusão civil-militar” com raízes históricas nas lutas de independência que deram nascimento à Venezuela e que terão um importante papel no futuro da nação. Suas palavras aos reservistas, ao celebrar o terceiro aniversário dos acontecimentos de abril de 2002, são ilustrativas nesse sentido: *“Contamos com vocês para as batalhas que vierem, para garantir a Revolução Bolivariana, a soberania nacional (...) vocês, reservistas da Venezuela, constituem a mais sublime expressão de unidade e da fusão civil-militar que se transformou em uma das mais fortes colunas da Venezuela bolivariana.”*¹¹

A terceira perspectiva do tema que nos ocupa, integra e reformula elementos dos outros dois. Da mesma forma, assim como Manwaring reconhece que qualquer referência sobre guerra assimétrica relacionada com a Venezuela deve ser interpretada em termos ofensivos e proativos, considera que não é a Venezuela que opta pela guerra assimétrica como uma forma de resposta a uma eventual agressão dos Estados

Unidos, mas que são precisamente os EUA que executam esse tipo de guerra contra a nação caribenha.

Uma pessoa que possui esse pensamento é o jornalista Jorge Hoffman que considera a guerra assimétrica como “uma manobra efetiva de subversão e inteligência militar instaurada pelos Estados Unidos por meio da CIA”, com o único objetivo de derrotar governos populares que se opõem às políticas de Washington. Expressado de outra forma, a guerra assimétrica seria uma

forma aperfeiçoada de um golpe de estado disfarçada por uma legalidade aparente.

Horacio Benítez, outro relacionado com essa perspectiva, sugere que o povo venezuelano deve preparar-se para enfrentar uma guerra assimétrica esboçada e executada pela engenhosidade do imperialismo (EUA). Esta guerra teria os adornos de um “conflito moral” segundo a interpretação do conceito concebido por John Boyd: um conflito cuja meta é debilitar e destruir por meios diferentes (medo, ansiedade, desconfiança, etc.) os laços morais que apóiam o conjunto orgânico da estratégia militar do oponente e seus instrumentos. Para Benítez, a ante-sala desse cenário seria o Plano Patriota executado pelo governo colombiano de Álvaro Uribe nos territórios meridionais de seu país contra os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC.)¹²

Hoffmann concorda com Benítez na interpretação do Plano Colômbia como uma fase do conflito assimétrico travado entre os EUA e a Venezuela, em vez de entendê-lo como um esforço caro do governo e do povo da Colômbia para controlar o território nacional e derrotar as organizações insurgentes que manifestam

suas exigências por meio de violência política, apesar da existência de um regime democrático em plena vigência no país. Soma-se como outra manifestação da guerra assimétrica levada pelos Estados Unidos as críticas à gestão de Chávez com referência a algumas organizações da sociedade civil venezuelana; desta forma, desqualificando a ONG “Súmate” como um grupo paramilitar doutrinado por Washington com objetivos antidemocráticos e responsáveis pelo crime de “traição à Pátria.”¹³

Qual deve ser a resposta do governo venezuelano à guerra assimétrica promovida por esses “*ejércitos imperialistas e neocolonialistas que têm como objetivo de suas invasões apoiar estruturas de poder oligárquicas e exploradoras das maiorias, como ocorre atualmente no Iraque*”? Uma adaptação da própria doutrina militar à natureza da ameaça, juntando as experiências de movimentos populares, de trabalhadores e revolucionários de diferentes partes do mundo.¹⁴

Uma quarta forma de interpretar a ênfase do regime de Chávez em termos de assimetria se assemelha à segunda perspectiva mencionada em parágrafos anteriores (veja acima) ao entender que quem vai executar a modalidade assimétrica, num hipotético conflito entre a Venezuela e os EUA, seria a nação latino-americana. Contudo, neste ponto apresenta a consideração que a insistência chavista na guerra assimétrica esconde uma gigantesca operação psicológica orientada para dissimular os verdadeiros objetivos de seu autor: aprofundar a Revolução Bolivariana e ampliar o controle sobre a sociedade.

Como se desenvolve essa idéia? Primeiro, mostra-se que uma guerra assimétrica não se luta com a classe de armamentos que a Venezuela tem adquirido nos últimos anos como aviões de caça e ataque, helicópteros de artilharia e baterias de mísseis antiaéreos. Segundo, considera-se que a chegada desses novos armamentos, na sua maioria russos, vem acompanhada de uma grande quantidade de instrutores e de técnicos cubanos, que contribuirão com a intenção de Chávez de ideologizar as Forças Armadas (mesmo a custa do profissionalismo) ao estilo de suas homólogas em Cuba. Terceiro, sugere que as denúncias presidenciais a favor da assimetria têm por objetivo militarizar a sociedade e mantê-la

constantemente mobilizada, com a ajuda de um instrumento militar absolutamente leal, para controlar mais e melhor seu povo. Neste último caso, a analogia entre Cuba e Venezuela seria clara: no primeiro, o fator de mobilização é o bloqueio e no segundo, o fantasma de uma invasão pelos USA.¹⁵

Entre os que apóiam essa tese se encontra Leopoldo Puchi, secretário geral do movimento oposto Movimento ao Socialismo (MAS), que chamou a atenção com o seguinte: “Com centenas de milhares de militantes chavistas armados, que democracia e eleições livres pode haver na Venezuela?” Com uma declaração emitida pela Frente Institucional Militar, uma organização de militares aposentados com orientação anti-chavista, em um de seus comunicados: “armar milhares e milhares de partidários do governo nos leva a alertar sobre os riscos de uma guerra civil.”¹⁶

Esta visão também foi apoiada fora da Venezuela. Um especialista argentino indicou que esta idéia de “reserva” é somente um eufemismo que dissimula a formação de “milícias chavistas” inspiradas ideologicamente nas “reservas populares” que copia a Lei de Defesa de Cuba. Essa sutil diferença se constata no que foi feito, ao contrário do que se observa na maioria dos países, os reservistas venezuelanos não estariam estruturados na órbita do Ministério da Defesa, no entanto seriam autônomos desse organismo e estariam subordinados diretamente ao Presidente da República.

O objetivo que seguirá com o mandatário venezuelano com essas milícias populares, profundamente ideologizadas, seria de contar com uma ferramenta que o obedeça cegamente na hora de tomar medidas em defesa de seu regime populista e autoritário. Nesse ponto, a inovação do analista argentino (que o isenta do quarto comentário abaixo) considera que as reservas em questão não seriam complementares às Forças Armadas da Venezuela (FAN), senão substitutas para elas, pois uma classe militar profissionalizada não pode servir de sustento para um projeto populista como o de Chávez.¹⁷

Nesta quarta forma de interpretar a idéia de assimetria que opera o regime de Chávez, a ideologia das forças armadas ocupa um lugar central. Estaria o governo venezuelano

decidido a ideologizar a classe militar ao custo do profissionalismo como alguns asseguram? Ou preservará esse profissionalismo e enfocará a ideologização nas reservas civis como outros dizem? É difícil saber com segurança, no entanto é necessário estar ciente que as sucessivas constituições venezuelanas criaram o caráter não deliberativo e apolítico das instituições armadas, como se pode ler no artigo 132 da Constituição de 1961; este esclarecimento desapareceu da Carta Magna de 1999, o que em teoria abriu as portas para a politização das forças armadas.¹⁸

Finalmente, a quinta perspectiva sobre a guerra assimétrica e a Venezuela coincide com a terceira (sustentada por Benítez) em seu caráter híbrido; pode se dizer, incorpora e reinterpreta elementos de outras posturas. Novamente se apela neste caso, como fez Manwaring, ao sentido ofensivo com que a Venezuela levaria adiante conceitos assimétricos na região para expandir ideais revolucionários e fomentar o estabelecimento de regimes de relações socialistas; mas inova ao atribuir isso a Fidel Castro, e não a Chávez, a paternidade intelectual desta conduta que poderia se derivar em *uma guerrilha comunista continental (financiada) com o dinheiro de todos os venezuelanos*.

Dessa forma, as modalidades assimétricas que promoveriam o Palácio de Miraflores além das fronteiras nacionais, se complementariam com outras de igual teor ofensivo, embora orientadas para o âmbito interno com um claro objetivo de controle político. Existe aqui um elemento comum com a quarta interpretação que concede ao quinto comentário o seu caráter híbrido. Contudo, no caso de controle público, não daria prioridade à militarização e mobilização da sociedade, senão a repressão de toda a dissidência ideológica de importância, acusando-a de ser funcional aos interesses dos Estados Unidos.

Uma referência a esse ponto de vista, de um líder de uma ONG de oposição a Chávez, descreve essa técnica de controle político nos seguintes termos: “para os venezuelanos revolucionários qualquer ação de oposição é elaborada pela CIA e todo ataque político ao regime tirânico é edificado pelo Império, afirmando que a guerra assimétrica é contra a grande maioria do povo da Venezuela.”¹⁹

A Interpretação do Governo Venezuelano sobre a Guerra Assimétrica

Existem pelo menos cinco visões alternativas sobre o verdadeiro sentido e a finalidade do significado que Hugo Chávez concede à guerra assimétrica com relação à situação estratégica venezuelana. No entanto, somente uma dessas interpretações pode ser chamada de “oficial,” o que não quer dizer necessariamente que seja “verdadeira” em suas bases, e é a segunda que diz: a guerra assimétrica é a opção defensiva visualizada pelo governo da Venezuela para preservar a independência e a soberania nacional em oposição a uma agressão armada eventual dos EUA, apoiada por elementos contra-revolucionários locais, orientada a por um fim na Revolução Bolivariana.

Esse ponto de vista foi ratificado por Raúl Isaías Baduel, um protagonista direto dos sucessos do ano 2002²⁰, que abandonou o comando do Exército para assumir o cargo de novo titular na pasta de Defesa. O pretensioso ministro assinalou a oportunidade em que as Forças Armadas da Venezuela têm presente os cenários de ameaça interna que florescem por todo o país, incluindo um de desestabilização que envolve desde atividades de grupos separatistas e de subversão da ordem até um golpe de estado; embora destacasse que como militar ele não tem a responsabilidade de participação política, no entanto como cidadão considerou que todos os venezuelanos devem unir seus esforços para consolidar a democracia, na qual possuem um papel central e participativo e que por consentimento da maioria se fez manifesta.²¹

Oficialmente, a visão de Baduel expressa nas “características do governo” que emitiu como Ministro de Defesa em julho de 2006, onde indica que a Venezuela deve fortalecer sua capacidade e vontade de resistência, para fazer frente a uma agressão externa, caso fracasse em sua postura dissuasória. Para isso o ministro insistiu em “quebrar os paradigmas que são estritamente convencionais em conflitos” e conceder prioridade à alternativa de uma confrontação assimétrica, em função do conceito de Defesa Integral da Nação.²²

Provavelmente, essa visão oficial sobre a guerra assimétrica está fortemente influenciada



APF/Pedro Rey

A reforma que irá a referendun em 2 de dezembro inclui a possibilidade de sucessivas reeleições presidenciais, rebaixamento de idade de votações para 16 anos; estímulo no papel do estado na economia; e permissão para propriedade privada enquanto se define um novo conceito de propriedade social em Caracas, 23 de outubro de 2007. Milhares de estudantes tomam parte numa manifestação contra a reforma constitucional proposta pelo Presidente venezuelano Hugo Chávez.

pelo pensamento de Jorge Verstryngue e sua interpretação dos “conflitos periféricos.” Esse acadêmico espanhol não baseia suas análises no caso da Venezuela; contudo, o exército venezuelano já publicou uma edição de bolso de sua obra “A Guerra Periférica e o Islã Revolucionário”, uma obra que indica a aceitação institucional de sua forma de pensamento. Na “A Guerra Periférica...”, Verstryngue propõe uma definição ampla e abrangente da guerra assimétrica, englobando (i) regras ou estratégias e diferentes táticas bélicas; (ii) a exploração das debilidades do adversário; e (iii) diferenças de poderes. O autor indica que entre os oponentes com poderes diferentes será o mais fraco que optará por termos assimétricos porque “consciente de sua impotência no terreno militar, estará de acordo em propor e exportar o conflito a outros

âmbitos e objetivos, mais do que obter a vitória, e fazer que o prolongamento do conflito não resulte em vantagem para o inimigo.”²³

Como Verstryngue nunca menciona a Venezuela como um país candidato a lutar numa guerra assimétrica, por que o seu livro ganhou tanta atenção por parte do exército venezuelano? Provavelmente porque o autor reavalia a guerra assimétrica como uma opção altamente eficiente para que atores fracos possam vencer inimigos infinitamente mais poderosos. Nesse ponto destaca que durante o século XX o uso de táticas assimétricas levou à derrota da Alemanha na ex-Iugoslávia, da Indonésia no Timor Leste, da França e da Grã-Bretanha em diferentes lugares de seus impérios coloniais e especialmente dos EUA no Vietnã, Somália, Afeganistão, Iraque “e outros que ainda estão por vir.”²⁴

A obra de Verstryngge e o documento oficial de Baduel nos levam a pensar que a ênfase de Hugo Chávez na guerra assimétrica pode ser entendida como uma adoção de uma doutrina com raízes estrangeiras provenientes do Sudeste Asiático, do mundo muçulmano e, de uma forma paradoxal, da elite intelectual do inimigo não declarado da Venezuela, os EUA. Contudo, o próprio Chávez e diversos autores venezuelanos sustentam o contrário e indicam que a guerra assimétrica nessa nação constitui-se em uma manifestação da soberania com fortes vinculações com a história local.

Nas discussões anteriores do documento “O Novo Mapa Estratégico”, Chávez indicou que o autêntico pensamento militar venezuelano deve se basear nas experiências históricas de heróis da independência nacional: Bolívar, Miranda, Guaicaipuro, Sucre e outros. Sobretudo reivindicou o pensamento de “defesa em profundidade” de José Antonio Paez, que estudou



Foto APF/Juan Barreto

O Presidente venezuelano Hugo Chávez levanta seu punho enquanto apresenta seu discurso durante um comício em apoio à emenda constitucional promovida por ele em 4 de novembro de 2007 em Caracas. A Assembléia Nacional da Venezuela aprovou uma série de reformas constitucionais discutíveis e radicais expandindo os poderes presenciais que inclui o poder de suspender os direitos da mídia durante um estado de emergência.

uma estratégia em “grandes linhas de defesa” do território venezuelano, ao enfrentar um agressor externo: primeiro, nas ilhas; segundo, nas costas; terceiro, nos grandes rios; e quarto, na selva e na savana.²⁵

Como já comentado, dentro da visão governamental sobre as guerras assimétricas, o papel da população civil é fundamental já que as sociedades em conjunto têm constitucionalmente a responsabilidade de contribuir com a Defesa Nacional juntamente com as Forças Armadas da Venezuela. No período em que encontrava-se à frente do Exército, Baduel justificou esse papel comentando uma citação de Macchiavelli: “Não há melhor maneira de defender um principado do que com sua própria gente.”²⁶

O próprio Chávez descreveu a importância da participação civil na Defesa parafraseando Mao Tse-Tung quando dizia que “o povo é para o exército como a água é para o peixe,” classificando-a como a fundação sólida no conceito de Defesa Integral, expressado no já mencionado título VII (“A Segurança da Nação”) da Constituição Bolivariana, a qual denominou Defesa Nacional Popular Integral.

E essa participação da cidadania se materializa por meio de novas unidades de reserva civis, denominadas Reserva Nacional Bolivariana, subordinadas ao Presidente da República por meio de um Comando Geral da Reserva. Este comando possui seis guarnições divididas no território nacional, nas quais encontram-se as “unidades de ação” em cada um dos vinte três estados que dividem o país.

Assim, a população comum, adequadamente organizada e treinada, interagirá com os militares regulares para repelir as forças invasoras e seus defensores locais, combatendo nos âmbitos urbano e rural, de forma descentralizada e sem tempo definido. Novamente nas palavras de Chávez: “...em cada bairro, em cada riacho, em cada ilha, em cada campo, em cada universidade, em cada fábrica, em cada selva, em cada lugar onde haja um grupo de patriotas, aí devem estar se organizando para a defesa territorial, para a defesa nacional. O povo protagonizando junto com as Forças Armadas para a defesa do país.”²⁷

Analisando em detalhe esta perspectiva governamental venezuelana se visualizam dois

elementos importantes que, segundo a forma como são observados, podem ser interpretados como erros ou inovações conceptuais do padrão da guerra assimétrica. O primeiro é que a idéia da guerra assimétrica necessariamente implica na incorporação da população nas tarefas de defesa; o segundo é que esse tipo de conflito tem uma dimensão ideológica que é inseparável da inclinação imperialista.²⁸

Em qualquer caso, a idéia venezuelana de guerra assimétrica incorporou a população nas tarefas de defesa com um nível de importância similar ao que corresponde aos militares uniformizados. Dessa forma modificou o critério de convocação dos reservistas que historicamente abrangia aqueles cidadãos que tinham cumprido o serviço militar obrigatório como recrutas²⁹; além dessa mudança, a reserva inclui também civis voluntários, com idades de 18 a 50 anos e empresas e organizações da sociedade civil.

Militares venezuelanos adeptos ao pensamento do Poder Executivo não deram muita importância à inovação chavista com respeito às reservas, argumentando que modelos similares são usados em estados capitalistas como a Suíça. Também lhes tiraram toda a conotação ofensiva, salientando sua função acauteladora, como se observa nas palavras do general Melvin Lopez, secretário do Conselho de Defesa da Nação: “o que se quer é consolidar uma posição de resposta ante a hipótese de uma agressão externa. Que um estado agressor o saiba antemão, que temos uma reserva treinada e pronta para cumprir com seu dever.”³⁰ Contudo, não deixam de chamar a atenção as dimensões quantitativas dessa iniciativa governamental, que ficam claramente manifestadas ao se destacar que enquanto o efetivo das Forças Armadas da Venezuela atinge 82 mil militares, segundo o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos - IISS, as dimensões das reservas poderiam chegar a dois milhões de integrantes.

Também tem se mencionado que a participação da população civil na defesa da Venezuela se enraíza historicamente nas lutas da independência que deram nascimento à nação. Contudo, não se pode deixar de mencionar acusações segundo as quais essa apelação à

história, na hora de ressaltar o protagonismo do povo na obtenção e defesa da independência, é objeto de manipulação do governo, pois a identificação com as ações patrióticas ajuda a manter a mobilização da sociedade.³¹

Em qualquer caso, as participações da sociedade na heróica independência venezuelana, que se menciona para justificar as milícias que participam hoje na guerra assimétrica, se referem a um “patriotismo republicano” que ligam igualmente civis e militares. E se recorre ao discurso de Angostura (1819), pronunciado por Bolívar, na qual se legaliza os cidadãos que se incorporam às fileiras militares; entre eles o General Jose Antonio Paez, o Coronel Leonardo Infante, o Coronel Francisco Farfán, etc.³²

A Venezuela no Limiar de uma Guerra de Quarta Geração

Se a posição do Governo da Venezuela diante da opção de uma guerra assimétrica apresenta ambigüidades e vê as doutrinas de um ângulo diferente, o mesmo pode ser dito de Chávez na Guerra de Quarta Geração. Esta modalidade de conflito foi priorizada, do mesmo modo que as demais, há mais de dois anos em um discurso pronunciado pelo titular do Poder Executivo num foro militar celebrado em Caracas.

Não é fácil identificar uma referência teórica ao pensamento venezuelano nesta matéria. Bem melhor, intelectuais que abordam esse tema adicionam elementos que não se encontram presentes nas sugestões doutrinárias originais de precedência norte-americana. Um exemplo é Luís Bonilla Molina, que emprega esse conceito para descrever a agressão “intangível” que o governo enfrenta em seu país: uma campanha de oposição protagonizada pela aliança forjada entre a oligarquia petrolífera venezuelana, um conjunto de meios de comunicação privados (*Venevisión*, *Globovisión*, etc.) e capitais externos opostos ao modelo bolivariano. Em outras palavras, é um conflito disfarçado compelido pelos setores de mídia e de energia.

Com essa estrutura conceitual, a campanha de oposição promovida pela aliança entre a mídia e a energia anti-chavista adota uma forma de “tele-guerra” orientada a desgastar a imagem presidencial e desvirtuar sua ação governamental, por meio do fomento do medo

entre a população pela desinformação e abuso dos meios de comunicação privados e outras táticas.³³

Ao observarmos as expressões de um de seus membros, Willmar Castro Soteldo, Ministro do Turismo, o governo venezuelano adotou essa interpretação de guerra da quarta-geração. O funcionário se referiu que na Venezuela a guerra de quarta-geração começou há muito tempo e sua principal manifestação foi a sabotagem econômica, tendo a oposição política realizado o papel mais importante em função de sua grande influência na mídia. Ambos os fatores, o econômico e a mídia, tinham como alvo “*desencorajar o desejo venezuelano de luta e criar um ambiente propício para opiniões contrárias à administração atual, na qual o governo nacional vem realizando suas ações.*”³⁴

Contudo, existem elementos conceituais que complicam a questão antes de esclarecê-la. Em *Guerra de Cuarta Geración y Sala Situacional Social*, Bonilla Molina e Haiman El-Trodi propõem uma discussão exclusiva sobre esse conceito, vinculando-o à evolução histórica das formas de conflito armado, embora identifiquem períodos diferentes aos que geralmente se envolvem nessa questão.³⁵ Eles defendem que os conflitos atuais, a quarta geração da evolução histórica, adotam duas expressões predominantes: por um lado, “conflitos de tecnologia avançada”; e por outro, “conflitos à margem externa da influência cultural do Ocidente” propelidos pelo controle econômico de uma área específica e a aplicação do modelo de desenvolvimento consumista do capitalismo, seguindo a interpretação dialética pós-marxista. Finalmente, os autores destacam que a guerra de quarta geração emprega como ferramentas a tecnologia e as idéias. Com referência a tecnologia enfatizam a comunicação e a informação que permitem o desenvolvimento de campanhas de desinformação e de “terror psicológico” fundadas no estudo do comportamento de indivíduos e de grupos de setores e/ou segmentos populacionais considerados hostis. No nível de idéias destacam, assim como Huntington, que o conflito já não é ideológico e sim fundamentalmente cultural; e que a confrontação predominante hoje é entre o modelo de desenvolvimento ocidental percebido como “a modernização” e sua antítese, vista como “barbarismo.”³⁶

Nessa forma de pensamento de Bonilla Molina e El-Troudi, a guerra de quarta geração que perdura na Venezuela enquadra-se na segunda categoria desenvolvida nas formas que se adota atualmente nas guerras; pode-se dizer que é uma confrontação na margem externa da influência cultural do Ocidente, uma situação que irrestritamente comunica ao país vizinho uma nova orientação geocultural. Concluindo essa interpretação, a propulsão da agressão ao governo de Chávez percebida como uma armadilha ao avanço da modernidade encarnada no modelo de desenvolvimento capitalista são as tecnologias de comunicação e de informação, por meio das quais os EUA e seus aliados locais desinformam e amedrontam a sociedade.³⁷

Conclusão

O uso dos conceitos de guerra assimétrica e de guerra de quarta geração, no caso da Venezuela, por parte de defensores e críticos, nacionais e estrangeiros, está impregnada de visões contraditórias e ambigüidades com altos níveis de subjetividade que se associam a fatores ideológicos.

Na questão da guerra assimétrica, descartamos os discursos que propõem com variantes Manwaring e Da Costa, que a vêem como um instrumento empregado pelo governo de Chávez para promover na América Latina a sua interpretação de ideais bolivarianos. Não estamos dizendo que tal avaliação não existe, somente que não se registram elementos que lhe permitam associar à idéia de assimetria. Até em artigos que caracterizam a “exportação da revolução” de Chávez como uma ameaça em médio prazo à estabilidade política do subcontinente, se admite que essa estratégia esteja se canalizando por meio de forças que operam dentro dos limites do jogo democrático.³⁸

O significado correto de guerra assimétrica, no que se refere à Venezuela, se vincula com a visão que possui o Palácio de Miraflores sobre o assunto; de outra forma, deve-se considerar seu começo com o convencimento da elite governante da existência de uma agressão norte-americana de natureza multidimensional (política, econômica, de mídia, etc.) que em algum ponto se desenvolverá em curto ou médio prazo e que se traduzirá com o objetivo de uma

ocupação territorial. Desde o momento que as perguntas sobre segurança se baseiam em grande parte em percepções subjetivas, esta visão não se fortalece pelo fato (que compartilhamos) de que a evidente deterioração das relações entre os EUA e Venezuela não transforma este último país num *Rogue State* aos olhos da Casa Branca. Sem qualquer dúvida, as palavras de Golinger são absolutamente excessivas e fora da realidade quando diz que “o povo e o governo venezuelano devem sentir-se orgulhosos por terem obtidos uma posição tão poderosa e importante no mundo levando o super poderoso EUA a tremer.”³⁹

No entanto, que o sentido que se deva entender de guerra assimétrica no caso venezuelano com relação ao governo de Chávez, não implica que haja uma interpretação correta desse tipo de conflito. O que se observa no caso é a incorporação da idéia de guerra assimétrica, no que poderíamos chamar da “versão venezuelana”, de dois elementos não relacionados a sua leitura padrão: seu peso ideológico e a incorporação da população civil como um elemento indispensável.

A guerra assimétrica não é uma forma do imperialismo para subjugar estados rebeldes, nem tampouco um instrumento de resistência contra o imperialismo. Acreditar no último é como dar razão a Lambakis quando disse que em numerosas oportunidades o adjetivo “assimétrico” é empregado como sinônimo de “antiamericano” e o que lhe dá essa conotação são os seus próprios conteúdos, contribuindo para a incompreensão do cenário atual da Segurança Internacional.⁴⁰

De tal forma, desde o momento definitivo em que o caráter distinto dos conflitos assimétricos e a heterodoxia de táticas e métodos, seu exercício não se enquadra no status do protagonista; é certo que nos conflitos armados contemporâneos entre estados se observa o envolvimento direto, voluntário ou não, da população civil, no entanto são igualmente válidas duas observações: a primeira é que esse envolvimento é derivado da dinâmica do conflito armado, de uma preparação anterior em tempo de paz; a segunda, é que as forças militares não estão isentas de praticar esta forma de combate, como as próprias Forças Armadas da Venezuela o demonstram.

Então, existe uma diferença entre a guerra assimétrica e sua versão venezuelana, onde a experiência histórica tem um papel importante e

legítimo. Na melhor das hipóteses, poderíamos dizer que as características da primeira constituem-se em uma condição necessária, no entanto não suficiente; e para a segunda, na pior das hipóteses, se poderia argumentar que falamos aqui de duas formas de conflito diferentes e que se confundem graças a uma questão de semântica. Nesse último caso, não deixa de ser contraditório que Chávez revalorize uma forma de combate que tem suas raízes na história da Venezuela e lhe dá um nome que corresponde a um conceito militar elaborado nos EUA.

Não há dúvida que a versão venezuelana de guerra assimétrica implique tanto na mobilização permanente da sociedade civil como na sua doutrinação em relação ao bolivarismo (de acordo com a percepção que Hugo Chávez fez da ideologia do Libertador). Ambos os efeitos foram funcionais para a liderança e seu exercício de poder num sistema caracterizado por níveis adequados de governabilidade. Embora seja ingênuo negar algo tão evidente, a informação disponível não nos permite inferir que o poder executivo tenha especificado essas conseqüências.

A questão da guerra de quarta geração é ainda mais espinhosa do que o tema de assimetria, embora o erro de ideologia seja repetido. Assim, se a guerra assimétrica é anti-imperialista e é baseada na preservação da soberania frente a uma intervenção exterior, a guerra de quarta geração seria o contrário: uma agressão externa, de indícios imperialistas que violaria a soberania e a determinação livre do povo. As guerras assimétricas e de quarta geração se diferenciam em razão de valores e de ideologias de seus promotores? Ou de acordo com a sua natureza ofensiva ou defensiva? Nem um nem outro, pois não estamos falando de conceitos que se encontram em planos similares: uma guerra de quarta geração tem um caráter assimétrico, pois apela a táticas e procedimentos não convencionais, no entanto nem todo conflito assimétrico é ao mesmo tempo um conflito de quarta geração.

Como podemos esclarecer melhor esse cenário tão confuso? Talvez, identificando como elemento-chave que teria a guerra de quarta geração que enfrenta o povo venezuelano, de acordo com os que assim acreditam, o seu caráter intangível associado ao emprego dos meios de comunicação.

Em síntese, no caso da Venezuela, a guerra assimétrica e a guerra de quarta geração adquirem conteúdos diferentes daqueles existentes no campo da Segurança Internacional, que derivam seus desenvolvimentos num estilo idêntico aos dos EUA. A guerra assimétrica inclui um grande peso ideológico e incorpora como componente-chave a população civil, se fortalece na experiência da independência nacional e pressupõe uma postura defensiva. A guerra de quarta geração é percebida como uma ferramenta

de agressão, ideologicamente imperialista, na qual a população civil é focalizada como objetivo.

Essas interpretações ajudam a compreender e a avaliar a perspectiva mundial venezuelana em relação à Segurança e Defesa, permitem medir nesse campo as inovações doutrinárias que promovem o governo de Chávez em relação a tempos passados, além de facilitar análises comparativas sobre o tema entre a Venezuela e outras nações do continente. **MR**

REFERÊNCIAS

1. CRAIG, D.W., *Asymmetrical Warfare and the Transnational Threat: Relearning the Lessons from Vietnam*, Advanced Military Studies Course (AMSC-1), Department of National Defence, War, Peace and Security WWW Server, Canada 1998.
2. METZ, Steven: "Strategic Asymmetry", *Military Review* LXXXI:4, (edição em inglês de julho-agosto de 2001): pp.23-31.
3. LIND, William; SCHMITT, John; SUTTON, Joseph e WILSON, Gary: "The Changing Face of War: into the Fourth Generation", *Marine Corps Gazette* (outubro de 1989): pp. 22-26.
4. Fazemos um esclarecimento, pois, de acordo com dois autores venezuelanos, existem múltiplas definições de bolivarianismo como ideologia política; incluída, numa dessas versões, o ímpeto durante a presidência do General Eleazar Lopes Contreras (1936-1941) haveria tido uma inclinação ideológica liberal e anti-socialista. Para mais detalhes veja IRWIN, Domingo e BUTTÓ, Luiz: "Reflexões sobre a literatura venezuelana relacionada com os bolivarianismos", *Military Review* (em espanhol) LXXXV:3, (maio-junho de 2005): pp. 13-21.
5. MANWARING, Max: "La transformación de la guerra entre Estados. El Socialismo Bolivariano y la guerra asimétrica del venezolano Hugo Chávez", *Air & Space Power Journal* (em espanhol), 20 Trimestre de 2006.
6. Esses exércitos se denominaram "Armada Soberana-I" e se realizaram meses depois na casa de campo Caimancito (no Estado de Sucre), onde a população se mobilizou para repelir um hipotético ocupante externo.
7. Presidência da República Bolivariana de Venezuela: La Nueva Etapa, el Nuevo Mapa Estratégico. Presidência da República Bolivariana de Venezuela, 17 de novembro de 2004. Disponível em: www.funtha.gov.ve/fundacite2005b/download/la_nueva_etapa.pdf.
8. Taller de Alto Nivel "El Nuevo Mapa Estratégico", 12 y 13 de Noviembre de 2004. Intervenciones del Presidente de la República Hugo Chávez Frías. Ministério de Comunicação e Informações, Caracas 2004, parágrafos 104 e 120. Disponível em: (http://www.emancipacion.org/descargas/El_nuevo_mapa_estrategico.pdf).
9. *Ibidem*, parágrafo 266.
10. *Ibidem*, parágrafos 286 e 287.
11. "Venezuela: a 3 años del golpe Chávez entrena reservistas y se prepara para una guerra asimétrica", *Causa Popular*, 16 de abril de 2005. Disponível em: <http://www.causapopular.com.ar/article363.html>.
12. BENÍTEZ, Horacio: "¿Guerra asimétrica o guerra de todo el pueblo? Parte IV", *Indymedia*, (2 de junho de 2005). Disponível em: <http://pr.indymedia.org/news/2005/06/8404.php>.
13. MIER HOFFMANN, Jorge: "SUMATE a la Guerra Asimétrica. SUBversión-MAGnicidio-TErrorismo", *Aporrea* (10 de junho de 2005). Disponível em: (<http://www.aporrea.org/actualidad/a14689.html>).
14. BENÍTEZ, *op.cit.*
15. ROMERO, Anibal: "Las armas de Chávez", *Libertad Digital*, (11 de setembro de 2006).
16. MARQUEZ, Humberto: "Reserva militar contra invasión virtual", *IPS*, abril 2004. Disponível em: <http://www.ipsenespanol.net/interna.asp?idnews=33494>.
17. VENTURA BARREIRO, Vicente: "Reserva Militar de Venezuela o brazo armado de la Revolución Bolivariana", *Estrategia para el Nuevo Milenio* Nº 7, inverno 2005, pp. 19-34.
18. Sobre a interação do poder político e o instrumento militar na Venezuela, por meio das diferentes constituições até chegar à Constituição de 1999, veja MANRIQUE, Miguel: *Relaciones civico-militares en la Constitución Bolivariana de 1999*. Center for Hemispheric Defense Studies (CHDS), *Research and Education in Defense and Security Studies (REDES)*, Washington DC, maio de 2001.
19. DA COSTA, Vasco: "México y la guerra asimétrica", *Noticiero Digital* (2 de julho de 2006) Disponível em: <http://www.noticierodigital.com/forum/viewtopic.php?t=91175>.
20. Em abril de 2002, Baduel se achava a frente da 42a Brigada de Páruquedistas (de Maracay, convertida num dos baluartes da resistência bolivariana. Desde então, ele e outros líderes ignoraram os golpistas de Caracas e redigiram o Manifesto da Operação de Restituição da Dignidade Nacional, invocando a Constituição e as leis da República Bolivariana da Venezuela. O documento foi assinado por diferentes líderes militares entre eles o próprio Baduel.
21. "Baduel: FAN está alerta ante intentos de desestabilizar la democracia", *Agencia Bolivariana de Noticias* (ABN), 25 de junho de 2006.
22. República Bolivariana de Venezuela, Ministério da Defesa: Lineamientos Rectores. Gestión del ciudadano General en Jefe (Ej) Raúl Isaías Baduel, Ministro de la Defensa. Caracas, 14 de julho de 2006.
23. VERSTRYNGE, Jorge: *La Guerra Periférica y el Islam Revolucionario. Orígenes, reglas y ética de la guerra asimétrica*, El Viejo Topo / Edição especial do Exército da República Bolivariana de Venezuela, Caracas, maio de 2005, pp.11-20.
24. *Ibidem*, pp. 31-33.
25. Taller de Alto Nivel "El Nuevo Mapa Estratégico", *op.cit.* parágrafos 286 e 287.
26. VERA, Eudes, "Resumen del Foro: Energía y Seguridad de Estado, Desarrollo e Integración Energética Latinoamericana", *Soberania.info*, 12 de janeiro de 2004. Disponível em: <http://www.soberania.info>.
27. CHÁVEZ, Hugo: "Venezuela defiende su soberanía" (discurso pronunciado em 16 de maio de 2004 em Caracas, logo depois da Marcha pela Paz e contra o Imperialismo). De Hugo Chávez: *Palabras Antiimperialistas*, Ministério de Comunicações e Informações, coleção de Discursos do Presidente, Caracas 2006, pp. 91-124 (especialmente pp. 117 e ss.).
28. "El presidente venezolano marcha...", *op.cit.*
29. Aproximadamente vinte mil venezuelanos cumprem anualmente o serviço militar obrigatório de dezoito meses de duração. Normalmente procedem dos níveis sociais mais pobres da sociedade e durante esse período recebem o equivalente ao salário mínimo nacional.
30. MARQUEZ, *op.cit.*
31. IRWIN & BUTTÓ, *op.cit.*
32. LANZ PATRON, Alfredo: *Evolución del pensamiento militar venezolano*, mimeo, Buenos Aires, setembro de 2006, não editado.
33. NAVARRO, Ernesto: "Datos sobre la Guerra de Cuarta Generación", *Aporrea*, 16 de março de 2004. Disponível em: <http://www.aporrea.org/actualidad/a7425.html>.
34. "El Ministro de Turismo dictó charla sobre conflicto de cuarta generación", *Vive TV*, 23 de maio de 2006.
35. Segundo os autores, os períodos seriam: a) clássico (entre tropas); b) medieval (tropas, dispositivos tecnológicos e inteligência); c) moderno (tropas, tecnologia, inteligência, contra-inteligência e capacidade de fogo remoto); e d) pós-moderno (desinformação, comunicação indistinta, cibernética, nanotecnologia e formas de controle da população).
36. BONILLA MOLINA, Luis & Haiman El Troudi, *Guerra de Cuarta Generación y la Sala Situacional*, Ediciones Gato Negro, Caracas 2004
37. *Ibidem*
38. IRWIN & BUTTÓ, *op.cit.*
39. GOLINGER, *op.cit.*
40. LAMBAKIS, Steven: "Reconsidering Asymmetric Warfare", *Joint Forces Quarterly* Nº 36, dezembro 2004, pp. 102-108.